

A RECEPÇÃO ESTÉTICA DE PEDAGOGOS EM FORMAÇÃO: LITERATURA INFANTIL NEGRA E MITOS DE CRIAÇÃO DO MUNDO

Alice de Oliveira Xavier ¹

Nara Nathalie Nascimento dos Santos ²

RESUMO

A Lei 10.639/2003, atualizada pela Lei 11.645/2008, obriga o ensino da História e Cultura Negra e Indígena nas escolas, atualizando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei 9.394/96. A Literatura, por sua vez, além de ter a capacidade de ampliar o horizonte de expectativas (Zilberman, 1989), sendo ela um Direito (Candido, 1988), estimular a imaginação e criatividade, expandir o vocabulário e a criticidade dos leitores, também exerce função de espelho, janela e/ou porta (Bishop, 1990), em que os alunos se veem representados pelas personagens, conhecem ou mesmo interagem com a cultura e história de outros, sensações atreladas à Recepção Estética (Jauss, 2002). Quando alinhada a uma boa mediação pedagógica (Vygotsky, 1991), a literatura torna-se ainda mais benéfica. Por isso, este trabalho tem como objetivo investigar as escolhas literárias e metodológicas de pedagogos em formação quanto à mediação de leitura, justificando-se pelo cumprimento da legislação brasileira e da importância do trabalho com a leitura literária. Para tanto, foram selecionados dois licenciandos do curso de pedagogia (UFRN), que leram, individualmente, dois contos: *Oduduá e a briga pelos sete anéis*, presente no livro *Omo-oba: histórias de princesas* (Oliveira; Marinho, 2009), que narra mitos de criação protagonizados por meninas negras e; *Mitos da criação*, contido na coleção de contos *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos* (Sisto, 2007), cujo enredo gira em torno de mitos de criação dos povos bushongo, egípcio, etíope, fon e iorubá. Na pós-leitura, os discentes responderam às seguintes questões: “você trabalharia com esses contos em sala de aula? Por quê?”. Os resultados revelam o potencial dos futuros pedagogos nas escolhas literárias e metodológicas quanto ao trabalho em sala de aula com a leitura literária, discutindo aspectos relacionados à cultura, religião, identidade e diversidade.

Palavras-chave: Literatura Infantil Negra, Mitos de criação, Formação de pedagogos, Recepção Estética, Educação.

INTRODUÇÃO

Este estudo intitulado "A recepção estética de pedagogos em formação: literatura infantil negra e mitos de criação do mundo" tem como objetivo investigar as escolhas literárias e metodológicas de pedagogos em formação quanto à mediação de leitura, justificando-se pelo cumprimento da legislação brasileira e da importância do trabalho com a leitura literária.

Adota-se, na pesquisa, o termo “negro” de forma política, indo ao encontro do que foi postulado na série de livros *Cadernos Negros*, retirando o teor pejorativo atrelado a esse nome

¹ Mestranda do Curso de Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, alice.xavier.116@ufrn.edu.br;

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, nara.santos.017@ufrn.edu.br;

e o ressignificando (Alves, 2012). A denominação Literatura Infantil Negra (LIN) abarca obras literárias que abordam temas étnico-raciais de origem africana, dando voz e reivindicando a história e cultura dos povos negros, tanto na diáspora como no continente africano (Amarilha; Campos, 2015). Assim, a LIN ganha destaque como componente que contribui para a formação dos estudantes do curso de Pedagogia, que no futuro atuarão como mediadores de leitura, visto que, espera-se que sejam formadores de leitores.

Tem sua justificativa pela necessidade de se refletir sobre aspectos do processo formativo de futuros pedagogos no que se refere à expectativa de sua atuação profissional como mediador de leitores de literatura. Nesse campo amplo, escolheu-se delimitar o foco do estudo na Literatura Infantil Negra. A razão para esse limite deriva do fato de que a Lei 10.639/2003, que existe há 20 anos, não ter logrado total adesão na prática pedagógica de nossas escolas. A ausência da LIN nas escolas repercute na permanência de preconceitos étnico-raciais desde a formação dos primeiros professores até nas crianças da educação infantil. É preciso estar atento quanto à formação inicial, principalmente, dos nossos futuros professores, que devem estar atualizados quanto à legislação e promover a capacitação necessária.

Também surge na necessidade de se pensar nas transformações e atualizações do currículo escolar e do perfil dos pedagogos que logo irão atuar, se pretendem repetir a educação que receberam ou a alterar. Além disso, há a necessidade de se refletir sobre as motivações dos professores em formação, seu perfil, refletindo também sobre a relação da subjetividade, a presença do eu, e a objetividade, o cumprimento de seu papel de professor, uma vez que ele não é um vaso oco, mas um ser em transformação e *trans-formador*, o mediador nesse processo educativo (Vygotsky, 1991).

Entendemos que ninguém melhor que os próprios graduandos para falar de seu repertório literário e a implicação desse para a sua formação, especificamente a sua preparação para mediar o debate das relações étnico-raciais com seus futuros estudantes. Por isso, buscamos ouvir as suas narrativas para compreender as percepções em torno desta temática, especificamente sobre as mitologias e religiosidades africanas. A possibilidade de refletir sobre a formação do professor e sobre o potencial formativo da literatura reafirma a relevância dessa pesquisa.

A escolha de explorar a mitologia africana nesta pesquisa está fundamentada em sua significativa relevância para abordar questões cruciais, tais como discriminação, exclusão e as influências históricas que moldaram a percepção cultural. A mitologia africana oferece uma

perspectiva única e frequentemente negligenciada sobre as raízes históricas e culturais do continente. Ao examinar essas narrativas, nosso propósito é desafiar estereótipos e contribuir para uma compreensão mais holística da diversidade cultural africana.

Essa abordagem da mitologia africana também proporciona a oportunidade de questionar o impacto do colonialismo (Fanon, 2008), que muitas vezes impôs a supremacia cultural e religiosa do colonizador, marginalizando as tradições locais. A escolha de concentrar-se em mitos de criação e religiosidades africanas visa, portanto, promover a valorização e o respeito pela diversidade cultural, combatendo a exclusão de perspectivas não europeias.

Além disso, levamos em consideração a importância de um estado laico que respeite e promova a pluralidade de crenças. Ao incorporar a mitologia africana, contribuimos para a construção de um ambiente educacional que não favorece uma única religião, mas que abraça a variedade de experiências espirituais, desafiando assim as noções de hegemonia cultural. Essa escolha visa enriquecer a formação dos pedagogos em aspectos que vão além da narrativa mitológica, impactando positivamente a compreensão das relações étnico-raciais e culturais.

Para tanto, o trabalho é constituído por: uma introdução, que apresentou a contextualização do tema, o objetivo, as justificativas e o recorte do objeto de estudo; a metodologia, que apresenta o desenho da pesquisa e seu *corpus*; o referencial teórico, que traz à tona a base bibliográfica científica que fortifica este estudo, apresentando autores da Literatura, Literatura Infantil Negra, racismo estrutural, dentre outros temas; resultados, que trazem o que foi colhido como dado da pesquisa e sua respectiva análise, com vistas à recepção do futuro pedagogo para com a literatura, corpus da pesquisa, e; conclusão, que aborda o que pôde ser compreendido após a teorização sobre o objeto de estudo.

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, tendo seu princípio na bibliografia, embasando-se em autores dos campos da Educação, Literatura, Literatura Negra, Racismo e Recepção Estética, além da Legislação Educacional brasileira, para fundamentar cientificamente a pesquisa.

Depois, parte-se para a seleção do *corpus*, que se constitui de duas obras da Literatura Infantil Negra e têm como foco a cultura, história e, sobretudo, as mitologias africanas, sendo elas:

- a) *Oduduá e a briga pelos sete anéis*, presente no livro *Omo-oba: histórias de princesas* (Oliveira; Marinho, 2009), que narra mitos de criação protagonizados por meninas negras e;

b) *Mitos da criação*, contido na coleção de contos *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos* (Sisto, 2007), cujo enredo gira em torno de mitos de criação dos povos bushongo, egípcio, etíope, fon e iorubá.

Então, houve o arrolamento dos participantes da pesquisa, cujas identidades serão mantidas em sigilo, respeitando o código de ética científico. Os sujeitos se caracterizam como dois alunos do curso de licenciatura em Pedagogia presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os alunos são uma mulher e um homem, entre 21 e 30 anos, que dão margens a compreender o pensamentos de acordo com o gênero e idade, além do fator formação inicial.

Os sujeitos fizeram uma leitura silenciosa e individual a fim de conhecer as obras. Ambos já tinham contato com religiões de matrizes africanas, além de terem cursado o componente de Teoria e Prática da Literatura I, do currículo do curso, que trata sobre a literatura e a diversidade (literatura indígena, literatura acessível para alunos com necessidades educacionais específicas e, o foco deste trabalho, literatura negra). No momento pós-leitura, no intuito de realizar o levantamento de dados, eles responderam à seguinte questão: “você trabalharia essa obra em sala de aula? Por quê?”.

A última etapa foi destinada ao tratamento e análise dos dados, na qual foram desenvolvidas as seguintes atividades: respostas dos entrevistados à questão; categorização das respostas obtidas e análises e sistematização dos resultados. A interpretação dos dados norteou-se pelos princípios da análise de conteúdo, visto que, "procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça." (Bardin, 2010, p. 45).

REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura consegue modificar o olhar do leitor sobre o mundo factual, tornando-o mais simples e tragável, mais próximo e possível. De acordo com Queirós (2009), nós só conseguimos vencer o dia de hoje porque fantasiemos o dia de amanhã. E é por isso que a fantasia é inerente e essencial à vida humana. Azevedo (2005) ainda defende a linguagem, os discursos e os indivíduos e suas consciências como não fundantes em si mesmos, fazendo-se necessário sua compreensão na relação social. Por isso, somos fruto do nosso meio, somos não-unívocos. A arte da palavra, por sua vez, tem duas categorias de recepção do leitor:

[...] horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e a de emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade. (Zilberman, 1989, p. 49)

Vê-se, portanto, a expansão da importância da literatura, pois ela “[...] pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu **comportamento social**” (Zilberman, 1989, p. 35-38, grifo nosso), na assunção de sua função social. Induzindo a um comportamento social, ela não se compromete a reproduzir o que já existe, pois nem mesmo prazeroso isso seria, portanto “[...] Jauss pensa que a arte não existe para confirmar o conhecido, e sim para contrariar expectativas”, pois “[...] as obras retomam o horizonte para, depois, contrariá-lo”, já que “[...] só é boa a criação que contraria a percepção usual do sujeito”, assim “[...] a literatura pode levar o leitor a uma nova percepção de seu universo”.

Sendo ela um direito humano (Candido, 1988), garante o estímulo e a imaginação, além da criatividade; expande o vocabulário e a criticidade dos leitores, também exercendo a função de espelho, janela e/ou porta (Bishop, 1990), em que os alunos se veem representados pelos personagens, conhecem ou mesmo interagem com a cultura e história de outros, sensações atreladas à Recepção Estética (Jauss, 2002). Quando alinhada a uma boa mediação pedagógica (Vygotsky, 1991), a literatura torna-se ainda mais benéfica.

Em uma sociedade em que o período escravocrata, tão tardiamente destituído da legislação, ainda vigora nas ruas, nas relações trabalhistas, na ideia de servidão, na bala perdida e violência nas favelas, no desamparo a crianças negras e amparo da branca (e angelical, veja só), nas piadas de mau-gosto, na exclusão, no bullying, na idealização de beleza (etcétera, etcétera, etcétera: essa lista não tem fim!), torna-se imprescindível ter um pedagogo, aquele que vai cumprir o papel (tão importante!) de inserção das crianças ao mundo social, preparado para ensinar-lhe o outro lado da história. Um profissional não somente não-racista, como antirracista.

De acordo com Almeida (2019, p. 33), “o racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”, mas mesmo fazendo parte da estrutura da sociedade, “[...] não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis [...]” (Almeida, 2019, p. 33). Pensar o trabalho pedagógico de maneira política, a fim de romper com o preconceito atrelado à cultura de matriz africana, principalmente de cunho religioso, torna-se imprescindível.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise do corpus da pesquisa

As narrativas selecionadas para este trabalho são breves contos, destinados ao público infantil, com poucos personagens e conflito, tempo e espaço abreviados. Nas imagens abaixo apresentam-se as capas dos livros e a composição da ilustração das obras:

Imagem 1 - Personagem principal do conto
“Oduduá e a briga pelos sete anéis”



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 2 - Composição ilustrativa do conto “mitos de criação”



Fonte: arquivo pessoal.

A obra de Kiusam de Oliveira e Josias Marinho (2009) pertence à coletânea de contos e recontos sobre princesas africanas que vêm a se tornar rainhas. São histórias contadas pelo povo africano iorubano e afrobrasileiro. A autora destaca, na apresentação do livro, que os recontos ali contidos servem para empoderar as meninas de todos os tempos. Dito isso, além de divulgar a mitologia africana iorubá, as histórias podem fortalecer a imagem da menina e da mulher, principalmente negras.

O conto do livro, que foi selecionado, “Oduduá e a briga pelos sete anéis”, narra sobre Oduduá, menina simples que tinha a força da terra, sendo rápida e determinada. As ilustrações enriquecem a visão sobre o território africano, sobretudo, nos aspectos estéticos dos trajes, dos adornos da cultura em que vive a personagem. Permite, assim, ter uma janela sobre aquela cultura, ampliando os saberes sobre outro povo, mostrando a configuração social, geográfica, estética da vida de uma princesa, como a personagem da história. Esta narrativa é um conto etiológico, que explica como se deu a separação entre a terra e o céu.

Já a obra de Celso Sisto (2007), que também é uma coletânea de contos e recontos, surge pelas escolhas da preferência do autor quanto às narrativas conhecidas oralmente ou em texto escrito, compreendendo histórias das variadas etnias que formam o continente africano. O conto “Mitos da criação” é o primeiro apresentado, sendo da tradição boshongo, egípcia, etíope, fon, além da iorubá, como no conto anterior. Ele narra, também em uma perspectiva etiológica, o princípio do sol, dos animais, dos homens, do oceano e demais elementos da natureza, alargando as possibilidades sobre o começo de tudo.

Respostas dos sujeitos da pesquisa

A avaliação dos resultados concentrou-se nas respostas dos graduandos durante o momento de pós-leitura do *corpus*, em que responderam se trabalhariam ou não com os dois contos selecionados nesta pesquisa e apresentados acima. Dentre essas respostas, foram enfatizadas as expressões e particularidades que lançam luz sobre as características intrínsecas

à relevância da Literatura e, mais especificamente, da LIN. Abaixo estão apresentadas as respostas colhidas:

Quadro 1 - Respostas da primeira participante sobre a leitura do conto de Omo-oba

Fragmento 1 - Oduduá e a briga pelos sete anéis
<p>Pesquisadora: <i>Você trabalharia com esse conto em sala de aula? Por quê?</i></p> <p>Ayo: <i>O conto Oduduá e a briga pelos setes anéis, do livro Omo-oba: histórias de princesas, é uma obra prazerosa de se ler com as crianças, pois possui uma linguagem fácil e explora a imaginação - tanto nossa quanto dos estudantes. Este conto é ideal para trazer à sala de aula diferentes concepções sobre a criação da Terra, afastando-se da vertente cristã, viabilizando o contato com outras religiões pelos estudantes - no caso de Omo-oba, o candomblé. Ademais, neste conto, carrega uma mudança de olhar de Oduduá, posicionando contra o machismo praticado pelo criador da humanidade, Obatalá, visão esta importante estar dentro da instituição escolar. Portanto, ao levar estas considerações, eu, como pedagoga em formação, trabalharia este conto em sala de aula.</i></p>

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

A participante Ayo reflete sobre a falta de representatividade de outras religiões, além das cristãs. De acordo com Debus (2007, p. 1), a literatura infantil é fundamental na formação da identidade étnica das crianças, já que por meio da “[...] identificação com personagens e narrativas que se assemelham às suas realidades, as crianças são incentivadas a refletir sobre seu papel social e a afirmar uma identidade étnica mais forte”. E o sujeito da pesquisa respondeu quanto ao segundo conto também:

Quadro 2 - Respostas da primeira participante sobre a leitura do conto de Mãe África

Fragmento 2 - Mitos da criação
<p>Pesquisadora: <i>Você trabalharia com esse conto em sala de aula? Por quê?</i></p> <p>Ayo: <i>O livro Mãe África, com os mitos de criação, traz as distintas ideias de criação da Terra por diferentes grupos africanos (fons, egípcios, bushongo, etíopes, e iorubás). Apesar de possuir a pluralidade de grupos na África, quebrando o pensamento errôneo de homogeneização da população africana, como também entender que cada grupo possui suas crenças e costumes. Portanto, apesar de sua linguagem complexa para crianças - com muitos nomes específicos - trabalharia em sala de aula. Uma linguagem mais complexa, comparada com o livro anterior, é proveitoso levá-lo para discutir com os estudantes.</i></p>

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Acerca da falta de representatividade nos materiais escolares, concorda-se com a fala Munanga (1999):

Percebe-se assim, a intenção de anular o negro na história do Brasil, com a postura de colocar o mestiço em um lugar nenhum, sem história e, portanto, sem identidade étnica, desarticulando assim o movimento negro e sua luta pela valorização da identidade negra (Munanga, 1999, p. 63).

Quadro 3 - Respostas do segundo participante sobre a leitura do conto de Omo-oba

Fragmento 3 - Oduduá e a briga pelos sete anéis
--

Pesquisadora: *Você trabalharia com esse conto em sala de aula? Por quê?*

Obá: *Este conto é uma oportunidade única para explorar a riqueza da mitologia africana, especificamente dentro da religião umbanda. Ao trazer a história de Oduduá e a disputa pelos sete anéis, os alunos podem se envolver em uma narrativa cheia de simbolismo e ensinamentos, proporcionando uma introdução à cultura iorubá e à tradição umbandista, permitindo que os alunos conheçam e respeitem uma visão de mundo diferente daquela com a qual estão mais familiarizados. Os sete anéis podem representar valores importantes, como união, solidariedade, respeito e equilíbrio. Ao discutir esses elementos, os alunos podem refletir sobre a importância desses valores em suas próprias vidas. A história de Oduduá envolve conflitos e resoluções. Isso proporciona uma oportunidade valiosa para discutir com os alunos a importância da comunicação eficaz, do trabalho em equipe e da resolução pacífica de conflitos.*

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

De acordo com as respostas do segundo sujeito da pesquisa, os alunos podem entrar em contato com outros valores, diferentes daqueles que lhes é familiar. Zilberman (2008, p. 17) diz que o indivíduo, entrando em contato com o texto literário, direciona-se ao movimento de alteridade, mas não perde de vista aquilo que é dele, pois:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto.

Quadro 4 - Respostas do segundo participante sobre a leitura do conto de Mãe África

Fragmento 4 - Mitos da criação

Pesquisadora: *Você trabalharia com esse conto em sala de aula? Por quê?*

Obá: *O livro "Mãe África" pode ser uma ferramenta poderosa para explorar mitos de criação, oferecendo uma perspectiva única sobre a origem do mundo e da humanidade, de acordo com a tradição das religiões de matrizes africanas. Ao abordar mitos de criação presentes no livro, os alunos têm a oportunidade de comparar e contrastar diferentes visões sobre como o mundo começou. Isso estimula a reflexão crítica e promove a compreensão da diversidade de crenças. Muitos mitos de criação estão interligados com a natureza. O livro pode servir como ponto de partida para discussões sobre a relação entre o ser humano e o meio ambiente, incentivando uma apreciação mais profunda pela natureza. Em busca de oferecer uma oportunidade para discutir a importância da tolerância religiosa, o livro ajuda a criar um ambiente de respeito mútuo e compreensão das diferentes formas de espiritualidade.*

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Os fragmentos de entrevistas apresentam uma convergência de experiências e reflexões, fornecendo um olhar sobre como a formação acadêmica e a LIN estão interligadas na trajetória dos participantes. Esse padrão ressalta a importância que as instituições educacionais atribuem à integração da diversidade literária e cultural em sua formação, estabelecendo uma base para a apreciação e compreensão de diferentes perspectivas.

Ressalta-se que os participantes foram selecionados por terem seguido religiões de matriz africana e pertencerem ao universo cultural sincrético afro-brasileiro. Portanto, a temática não surpreendeu os sujeitos de pesquisa e não causou estranhamento. O intuito de se ter selecionado esse público foi para verificar sobre a influência da vivência pessoal no seu fazer pedagógico, se seu conhecimento sobre determinada cultura pode influenciar na formação

de seus alunos e ser critério de seleção de materiais que tratem sobre o tema, afinal, a inclusão de autores negros e histórias que exploram a cultura africana não apenas expande o currículo, mas também serve como um ato de resistência cultural e social.

Para que as instituições reconheçam e integrem a diversidade cultural no currículo, é importante frisar que é

[...] tarefa do educador e da educadora entender o conjunto de representações sobre o negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra. A discussão sobre a cultura negra poderá nos ajudar nessa tarefa. (Gomes, 2003, p. 77)

Devido a isso, ressalta-se a influência da formação curricular na exposição à LIN, mas também ecoando a importância de uma educação sensível à diversidade e à cultura, capaz de capacitar futuros educadores a transmitir essas mensagens vitais em suas práticas pedagógicas. Sobre a presença da Literatura no curso de Pedagogia, Zuberma e Amarilha (2017) nos chamam a atenção para um importante aspecto:

Quase ausente nos cursos de graduação em Pedagogia, a área de Literatura não tem como oferecer aos professores de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental formação adequada. [...] Refletir sobre esse problema continua atual como provocação a encaminhamentos de pesquisa, de organização curricular e de políticas públicas (Zuberma; Amarilha, 2017, p. 17).

Os sujeitos, por terem acesso a materiais e espaços que valorizam a cultura negra, apresentaram resposta positiva quanto à exposição dos mesmos materiais para seus alunos, rompendo com a lacuna presente nas escolas e, principalmente, na sociedade em geral, devido ao racismo estrutural. Esse resultado demonstra a importância de o pedagogo vivenciar e conhecer as diversas culturas para se sentirem transmissores delas, abrangendo o leque de possibilidades dos alunos e, potencialmente, de toda a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão deste trabalho, vemos a importância de se estudar a Literatura Infantil Negra em sala de aula, como é solicitado pela Lei 10.639/2003. Só assim é possível promover a educação antirracista, tão necessária na sociedade brasileira, através de todos os recursos estéticos, culturais, históricos, visuais, contextuais, dentre outros, que um livro literário fornece. No caso das obras selecionadas para este trabalho, verifica-se o potencial para ampliar o horizonte sobre as culturas africanas, seja em território nativo ou em território brasileiro, em que o leitor/a leitor poderá aprender a apreciar a riqueza da mitologia africana.

Este estudo revelou dados sobre a importância da Literatura Infantil Negra na formação de graduandos em Pedagogia e em suas futuras práticas profissionais. Os resultados demonstraram uma convergência nas experiências dos entrevistados, destacando a influência marcante de obras como "Oduduá e a briga pelos sete anéis" (2009), de Kiusam de Oliveira e Josias Marinho, e "Mitos de criação", de Celso Sisto (2007). As obras, centradas em personagens negros e a mitologia africana, desempenharam um papel fundamental na experiência leitora dos graduandos, ao proporcionar-lhes identificação, representatividade e introspecção e, potencialmente, para as crianças com as quais eles interagem.

A literatura atua como um espelho que reflete as complexidades da condição humana. As narrativas e personagens literários expõem dilemas morais, desafios sociais, conquistas e fracassos, permitindo que os leitores se identifiquem com experiências e emoções que ecoam em suas próprias vidas. No caso dos entrevistados, a identificação com personagens que compartilham características étnicas e culturais foi relevante na construção de autoestima e senso de pertencimento.

Nessa perspectiva, é inegável contemplar uma análise crítica referente ao lugar da academia e ao conteúdo curricular destinado aos estudantes. É fundamental ampliar o enfoque dedicado ao ensino da literatura, a fim de que os educandos, frequentemente no início de sua jornada como leitores, sejam devidamente preparados para orientar e inspirar a próxima geração de leitores. Isso contribuirá para o desenvolvimento de professores pedagogos que, em paralelo à sua formação, internalizam a prática da leitura como um elemento inalienável de sua identidade intelectual e pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra. 2019.
- ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Poéticas afro-brasileiras**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza. Editora PUC Minas, 2012. p.221-240.
- AMARILHA, Marly; CAMPOS, Wagner Ramos. **A formação em literatura e a construção das identidades negras no ensino fundamental I**. Nuances, v. 26, 2015.
- AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** Com a palavra o escritor. Ieda de Oliveira (Org.). 1. ed. São Paulo: DCL, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.

BISHOP, Rudine Sims. **Reflections on the Development of African American Children's Literature.** Journal of Children's Literature, 2012 38(2).

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2003.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.

DEBUS, Eliane Santos. **A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção.** Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil - Seminário de Literatura Infantil e Juvenil, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Edufba, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 75-85, Maio-Ago 2003, p. 77.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as explicações fundamentais da poíesis, aisthesis e katharsis. In: JAUSS, Hans Robert. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** 2. ed. Coordenação e tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 67-84.

MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil** – identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Kiusam de; MARINHO, Josias. **Omo-Oba: histórias de princesas.** Belo Horizonte: Mazza edições, 2009.

SISTO, Celso. **Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos.** São Paulo: Paulus, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 4ª edição brasileira. São Paulo, Martins, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Via Atlântica, n. 14, p. 11-22, 22 dez. 2008.

ZUBERMAN, Flavia; AMARILHA, Marly. Tenho um problema: não gosto de ler! A jornada formativa de uma mediadora de leitura. Revista **Educação em Questão**, v. 55, n. 46, p. 14-33, 2017.